

INGRID MONIQUE ALVES DE OLIVEIRA
00120101197



O TRABALHO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO AUXÍLIO
DAS DIFICULDADES DE CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO
ESCOLAR

BRAGANÇA PAULISTA
2022

INGRID MONIQUE ALVES DE OLIVEIRA
00120101197

O TRABALHO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO AUXÍLIO
DAS DIFICULDADES DE CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO
ESCOLAR

Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso em Psicologia, do Curso de
Psicologia da Universidade São Francisco,
como exigência parcial para a aprovação na
disciplina..

ORIENTADOR: CLEONICE APARECIDA DE SOUZA
EVANDRO PEIXOTO

BRAGANÇA PAULISTA
2022

Sumário

| | |
|--------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 04 |
| MÉTODO..... | 10 |
| .. | |
| RESULTADOS | 11 |
| DISCUSSÃO | 12 |
| REFERÊNCIAS | 13 |
| ANEXOS | 15 |

Resumo

Oliveira, M A I. (2022). O trabalho do Acompanhante Terapêutico no auxílio das dificuldades de crianças autistas no contexto escolar. Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, Universidade São Francisco, Bragança Paulista.

O presente trabalho possui como objetivo enfatizar o papel do Acompanhante Terapêutico nas dificuldades que a criança com autismo apresenta no processo de ensino-aprendizagem, pois muitas vezes são matriculadas nas escolas e a equipe acadêmica não tem conhecimento das suas características globais. Com isso é notável o despreparo do docente em conduzir uma aula que supra as necessidades de todos da sala e que efetue uma adaptação adequada ao aluno com TEA, precisando do auxílio de um profissional externo para orientar o manejo adequado. Foram utilizados para estudo dados qualitativos através de pesquisas bibliográficas e estudos já realizados sobre o tema. Neste trabalho iremos tratar sobre as principais características do espectro com foco nas dificuldades encontradas no ambiente escolar e como o acompanhante terapêutico pode colaborar para o desenvolvimento e integração do aluno com TEA.

Palavras-chave: ajuda; aprendizagem; neurodesenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A definição do Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-V) e na Classificação Internacional das Doenças Mentais (CID-10), se diz respeito a um transtorno de neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos em sua interação social, comunicação, padrões de interesses, comportamentos repetitivos e estereotipados.

A precariedade dos recursos avaliativos específicos para o Transtorno do Espectro Autista, colabora para que muitas crianças que chegam a instituições escolares sem diagnóstico definido, ou com diagnóstico que não se enquadram dentro do perfil comportamental. De acordo com Varella (2011), o diagnóstico de TEA não é fácil de ser conseguido, é feito em clínicas especializadas e realizado através de observações do comportamento e de entrevistas com os responsáveis. O Autor também relata que os sintomas começam a se manifestar mais evidente aos três anos de idade, mas que é possível fechar diagnóstico a partir de dezoito meses de idade.

Com o diagnóstico clínico, o indivíduo com autismo pode se enquadrar em três grupos, sendo eles:

Grupo 1: ausência de contato interpessoal, atraso no desenvolvimento da fala, movimentos estereotipados e com repetição. São considerados grau severo e muitas vezes são agressivos.

Grupo 2: Não estabelece contato visual com outras pessoas nem com o ambiente em sua volta. São considerados de grau moderado, podendo

Grupo 3: Há desenvolvimento da linguagem, não ocorre alteração em seu nível de inteligência e sua dificuldade na interação social é menor. Geralmente, esses são os que conseguem avançar em seu processo de alfabetização.

As funções executivas são de fundamentais na para realizações de atividades cotidianas, são habilidades fundamentais para o controle de nossa vida funcional e da saúde mental do indivíduo. Englobam o raciocínio, planejamento, flexibilidade de tarefas, resolução de problemas e execução de tarefas. Segundo (Carreiro et al, 2014; Girodo, Das Neves & Correa, 2008), os déficits nas funções executivas podem explicar a fissura dos indivíduos com autismo por tarefas de repetição, planejamento e rotina. Também interfere no reconhecimento, desatenção, representação e expressão de emoções e sentimentos.

As crianças com TEA possuem grande dificuldade em se adaptar em instituições escolares devido às adversidades, os problemas encontrados são relacionados a socialização com as outras crianças, distração e dificuldade em sequenciar e em sua organização.

Estas crianças têm dificuldades ao nível de partilhar, apesar de muitas destas crianças terem aprendido em casa a partilhar com os irmãos. No jardim de infância, é necessário ensinar a criança a partilhar com os outros meninos (CUBEROS,1997, p.93)

De acordo com o artigo *‘O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar’*, o indivíduo com autismo às vezes parece distante, em certos momentos não atende quando é chamado, com isso pode ocorrer atraso para aprender a explicações. Isso ocorre pois o TEA afeta o processo de aprendizagem, sendo assim a criança precisará de um cuidado específico para desenvolver e trabalhar suas necessidades de aprendizagem.

Além disso, a criança com autismo, é resistente quando se trata de mudança relacionada à rotina, o que pode causar comportamentos aversivos quando ocorre uma mudança mínima que seja em seu dia-a-dia. Com isso pode ocorrer complicações em seu processo de realização de atividades, pois se ele está acostumado com uma determinada forma de realizá-las, para a professora conseguir inserir outras maneiras de fazer ou até mesmo outras atividades é um desafio.

Ele também apresenta fixação por objetos, o que muitas vezes atrapalha no seu foco e desvia sua atenção durante as atividades e brincadeiras, outra consequência é que acaba não explorando totalmente o brinquedo como deveria, pois na maioria das vezes se interessa por um único movimento, podendo por exemplo, ficar horas e horas rodando a roda de um carrinho de brinquedo.

A inclusão da criança com autismo vai muito além do que está previsto nas legislações, durante esse processo é encontrado uma série de dificuldades que muitas vezes necessitam de um manejo maior da parte do docente. Muitos professores acabam ficando perdidos devido às cobranças da Instituição para obtenção de resultados e a realidade vivida diante as dificuldades do transtorno. Segundo Mantoan (2006), a escola deve ser inclusiva e fazer as devidas adaptações de métodos e contratar profissionais capacitados para suprir as necessidades e diversidades de cada aluno.

A capacitação das escolas e professores é indispensável para a melhoria do ensino, devem adotar um currículo que atenda às exigências do aluno, porém o grande desafio é que muitas escolas ainda utilizam o método tradicional de ensino. De acordo com o artigo *‘Pedagogia Tradicional: Confira Como É O Método De Ensino Mais Comum Do Brasil’*, o ensino tradicional tem como objetivo tornar o conhecimento universal. O método tem como característica uma estrutura mais rígida, ou seja, não está aberto a inovações. Além

disso, o aluno não é considerado sujeito ativo no processo de aprendizagem, o que torna o professora figura principal no percurso.

A participação dos alunos dentro da sala de aula, é muito importante para a estimular a formação de opinião e autonomia do aluno, além disso, o professor deve procurar as melhores formas de modificar o currículo de acordo com a necessidades de cada criança, planejar a maneira de interligar o trabalho com a ajuda de outros profissionais da educação, ser dinâmico na produção de materiais escolares e também incentivarem a experimentação e inovação pedagógica. Conforme afirma Nunes (2008), ao inserir uma criança com TEA em uma sala de aula, irá precisar de um certo manejo maior para que a criança se adapte no ambiente escolar. Os profissionais encontram grandes dificuldades na hora de exercer seu trabalho, sendo assim é necessário um apoio multidisciplinar, juntamente com a família para que ocorra de fato seu desenvolvimento no ambiente acadêmico. Com o objetivo de que a criança participe de todas as atividades propostas de acordo com os seus limites e dificuldades.

O professor precisa estar capacitado para fazer o planejamento de aula de acordo com as dificuldades do aluno com autismo, precisa estar atento às suas dificuldades para que a criança não se sinta sozinha e excluída pelos seus colegas. O aluno com TEA é resistente à mudança em sua rotina e estabelecimento de laço afetivo, por isso o professor deve trabalhar em conjunto a equipe pedagógica para que não ocorra a rotulação da criança, visando sempre ressaltar que ela é capaz de realizar as atividades propostas e aprender durante o processo. Segundo Mantoan (2006), os objetivos da educação no Brasil é a acessibilidade, a permanência e o sucesso de qualquer criança durante o período escolar, sendo assim, é indispensável um plano de ensino que englobe a capacidade de cada aluno e que a partir

daí o professor desenvolva atividades diversificadas e adaptadas para todos os alunos, levando em consideração suas particularidades.

O Atendimento Educacional Especializado também conhecido como AEE, tem a função de atender os alunos que possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem, tal programa é realizado em escolas da rede regular, oferecendo atendimento às crianças em horário fora da grade estabelecida, como forma de reforço ao trabalho que foi realizado pelo professor no período de aula. O AEE elabora um plano de competência dos professores que trabalham com especialização nas demandas encontradas, juntamente como professor de ensino regular. Além disso, também é necessário a participação ativa da família e dos demais setores da área da saúde.

O professor deve atuar em sala de aula de forma que auxilie no processo de ensino-aprendizagem desta criança, estabelecendo os objetivos educacionais e as avaliações que intervenham na área de comunicação, interação, área cognitiva e comportamento dessa criança. Tais objetivos e avaliações, visam verificar a maneira de aprendizagem do aluno, além disso o aluno com TEA de acordo com Cuberos (1997), tendem a não tolerância em lidar com frustrações quando não conseguem realizar as atividades durante o processo, cabe ao professor de apoio elaborar estratégias para que ele se acalme e consiga dar continuidade na realização. Nesse sentido é necessário que o professor tenha bastante paciência e compreensão para com o aluno.

O estabelecimento de vínculo afetivo com o professor é necessário para que a criança se motive em sala de aula, mesmo com a ajuda do professor de apoio, o docente responsável pela sala deve sempre buscar manter o contato direto com o aluno e fazer a estimulação de sua comunicação com o restante da sala através de atividades que visam a inclusão e deve participar ativamente com eles durante as atividades que foram propostas.

Como afirma Wendell (2013), através do vínculo com o docente, o aluno se sentirá seguro e preparado para o que lhe é proposto, mesmo com suas dificuldades ele desenvolverá sua autoconfiança e o sentimento de ser capaz. A partir daí, o professor deve trabalhar os sentimentos do aluno, a importância da demonstração de afeto e a vivência com os outros colegas no dia-a-dia através da troca de experiências. O autor ainda afirma que para as crianças com autismo, o estímulo visual, auditivo e tátil podem reforçar seus comportamentos e também a sua atenção na realização de atividades. Por isso a importância da utilização de materiais adequados.

MÉTODO

O trabalho foi realizado no curso de Psicologia da Universidade São Francisco (USF), cujo o principal objetivo é o de ampliar informações em artigos e livros que tratam sobre o assunto sobre O papel do Acompanhante Terapêutico e seu desempenho no contexto escolar, tais como seu trabalho com crianças Autistas, principais atividades realizadas, o que se é esperado de tal profissional e as principais dificuldades encontradas no campo de trabalho.

O método de pesquisa a ser utilizado será o de revisão bibliográfica a partir de pesquisa qualitativa, pois devido ao tempo estipulado para sua realização, é o mais indicado para alcançar os resultados previstos. De acordo com Dilthey & Flick (2000) A pesquisa qualitativa não explica os assuntos a partir do isolamento de variáveis, buscando a construção de realidade, a partir da análise das construções teóricas, tal pesquisa se baseia na coleta de dados a partir de textos científicos.

Os textos serão analisados a partir de artigos científicos, revistas de áreas correlacionadas que abordam o tema em questão e livros. Tal busca irá implementar as idéias do foco de trabalho, assim como as consequências e importância do acompanhante terapêutico no acompanhamento escolar dos autistas para seu desenvolvimento e inclusão escolar. Os termos utilizados para busca da pesquisa foram: "acompanhamento terapêutico", "autismo na escola", "transtorno de neurodesenvolvimento".

Os sites para busca das fontes de dados serão *Google Acadêmico* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, publicados entre o período de 2000 a 2021. Os artigos serão selecionados a partir dos títulos que possuem relação ao tema, podendo estar escritos em espanhol e português. Após a análise dos conteúdos, serão selecionados apenas aqueles que podem contribuir de forma efetiva para o resultado final do trabalho.

RESULTADOS

DISCUSSÃO

REFERÊNCIAS

- Bueno, J. G. S. (2016). O Atendimento Educacional Especializado (AEE) como programa nuclear das políticas de educação especial para a inclusão escolar. *Tópicos Educacionais*, 22(1), 68-89.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22433>
- Carreiro et al (2014); Girodo, Das Neves & Correa (2008), O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. *REVISTA DE PSICOLOGIA*, 11(38), 507-519.
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>
- Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) (1997). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Cuberos, G. (1997). O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar *REVISTA DE PSICOLOGIA*, 11(38), 507-519.
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>
- Cuberos, G. (1997). Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. *ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA*, 11(38), 507-519
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>.
- Ferreira, M. M. M., & de França, A. P. (2017). O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. *REVISTA DE PSICOLOGIA*, 11(38), 507-519.
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>
- Leão, M. A. (2015). O uso de jogos como mediadores da alfabetização/letramento em sala de apoio das séries iniciais. *Estudos Linguísticos*, 44(2), 647-656.

Mantoan, V. (2006). O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar.

REVISTA DE PSICOLOGIA, 11(38), 507-519

<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. (2014). (5ªed). Artmed.

Nune, V. (2008). O pedagogo na educação da criança autista. *REVISTA DE PSICOLOGIA*,

11(38), 507-519. <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916>

Pelin, L. (2013). Estratégias para inclusão de alunos com transtorno do espectro autista.

Monografia de Especialização, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4458>

Varella, D. (2017, Julho, 6). *Como Diagnosticar o autismo na infância | José Salomão*

Schwartzman. Youtube https://www.youtube.com/watch?v=B_MsnZTHwSQ

Vieira, L. D. S., & oliveira, V. D. X. (2010). A importância dos jogos e brincadeiras para o

processo de alfabetização e letramento. *Encontro de Produção Científica e*

Tecnológica–EPTC, 5 (1), 1-11. <http://www.isciweb.com.br/revista/288-a->

[importancia-dos-jogos-e-brincadeiras-para-o-processo-de-alfabetizacao-eletramento](http://www.isciweb.com.br/revista/288-a-importancia-dos-jogos-e-brincadeiras-para-o-processo-de-alfabetizacao-eletramento)

Wendell, N. (2013) *Praticando a Generosidade em Sala de aula*. Editora prazer de ler.

ANEXOS